



<http://dx.doi.org/10.30681/23588403v13i01140149>

LITERATURA MODERNISTA E IDENTIDADE NACIONAL: UMA REFLEXÃO SOBRE O JEITINHO BRASILEIRO¹

Data de recebimento: 14/12/2018

Aceite: 18/03/2019

Leony Bruno de Souza PEREIRA (UNEMAT)²

Resumo: Esse artigo busca refletir sobre as tentativas modernistas de se estabelecer uma arte que exprima a essência da cultura brasileira. Nesse sentido, nos embasamos teoricamente em Candido (2000) para entender que a arte é social, e em Diniz (2017) e Monteiro (2012) para compreender como o modernismo tentou estabelecer uma homogeneidade cultural na arte brasileira. Apresentamos várias obras modernistas para evidenciar que cada autor retrata um Brasil diferente culturalmente e, por isso mesmo, essa suposta homogeneidade não se sustenta. A característica pungente que se repete nas obras observadas é a corrupção, que muitas vezes se entende como uma característica intrínseca do brasileiro. Diante disso, Vieira (2008) e Almeida (2007) demonstram que a corrupção é um comportamento moral socialmente aceito, mas que acontece por múltiplos fatores que não são puramente culturais. Portanto, concluímos que mesmo que a corrupção seja retratada em diversas obras, ela não é um padrão que define a identidade cultural brasileira.

Palavras-chave: Modernismo; identidade; jeitinho brasileiro; corrupção.

Abstract: This article seeks to reflect on the modernist attempts to establish an art that expresses the essence of Brazilian culture. In this sense, we are theoretically based in Candido (2000) to understand that art is social, and in Diniz (2017) and Monteiro (2012) to understand how modernism tried to establish a cultural homogeneity in Brazilian art. We present several modernist works to show that each author portrays a culturally different Brazil, and for this reason, this supposed homogeneity does not hold. The pungent characteristic that is repeated in the works observed is corruption, which is often understood as an intrinsic characteristic of Brazilians. Thus, Vieira (2008) and Almeida (2007) show that corruption is a socially accepted moral behavior, but that this happens through multiple factors that are not purely cultural. Therefore, we conclude that, even if corruption is portrayed in several works, it is not a standard that defines Brazilian cultural identity.

Keywords: Modernism; identity; Brazilian; corruption.

1 - Introdução

Quando pensamos em literatura francesa, lembramos de Flaubert e sua polêmica *Madame Bovary* (1857), Victor Hugo com *Os miseráveis* (1862) ou Marcel Proust com *Em busca do tempo perdido* (1913 a 1927). Ao pensar em literatura inglesa, vem à mente as obras de Shakespeare, Virgínia Woolf ou Oscar Wilde. Na literatura Russa temos grandes nomes

¹ Trabalho produzido para a Disciplina “Estudos Literários: Literatura Portuguesa I”, ministrado pelo Prof. Me. José Pereira Neto, da UNEMAT (campus universitário de Pontes e Lacerda-MT)

² Graduando do 6º semestre do curso de Letras-Inglês pela UNEMAT (Universidade do Estado de Mato Grosso), do campus de Pontes e Lacerda-MT. Email: Leony_1996@live.com



como Dostoiévski e Tolstói. Todos esses autores ajudaram a estabelecer, de alguma forma, uma certa homogeneidade na cultura de suas respectivas nações. Mas e o Brasil? Quais obras traduzem o que seria a identidade da cultura brasileira? O que tem no Brasil que podemos chamar de exclusivo, que não há em nenhum outro lugar do mundo?

De antemão, torna-se importante ressaltar que o objetivo desse trabalho não é o de responder essas perguntas tão complexas. Na verdade, iremos fazer mais perguntas e questionamentos do que propor alguma resposta ou solução para a problemática. Com tais ressalvas, o presente artigo se propõe a refletir sobre a tentativa de se estabelecer uma arte que traduza a base da cultura nacional no período modernista. Será que os artistas da época conseguiram mostrar o que é genuinamente brasileiro? Essa é a pergunta que norteia todo o nosso trabalho. Para isso, nos embasamos em Antonio Candido (2000) no intuito de perceber como a arte tenta retratar o mundo e a época na qual está inserida. Além disso trazemos os autores Monteiro (2012) e Diniz (2017) para compreender como o modernismo tenta estabelecer uma arte que retrate a cultura brasileira.

2 – Qual é a essência da cultura brasileira?

Para compreender como a literatura retrata a sociedade é necessário entendê-la que como um objeto social. Nesta perspectiva, Antonio Candido (2000) faz importantes colocações a respeito, evidenciando que a arte não está alienada completamente da sociedade, que tem seus respectivos problemas. Para o autor, há duas maneiras de se observar uma obra literária: a primeira seria estudando como a arte expressa a sociedade, e a segunda em qual medida uma obra literária é um instrumento social, no entanto

a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte. (CANDIDO, 2000, p. 20)

Dito isso, torna-se importante destacar uma obra muito conhecida de Lima Barreto que trata do nacionalismo: *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915). O romance citado corresponde a um período denominado por alguns teóricos como pré-modernismo. Na narrativa,



acompanhamos a história do Major Policarpo Quaresma, dono de pensamentos e atitudes extremamente nacionalistas. Torna-se interessante observar que Policarpo se interessa apenas por arte estritamente brasileira, características que o tornam um ufanista extremista. Em certo momento da obra, Quaresma tenta aprender a tocar violão com seu amigo Ricardo Coração dos Outros, mas se frustra quando descobre que o instrumento ao qual dedicou tanto tempo é de origem estrangeira. Após isso, se empenha em instrumentos indígenas, pois o protagonista acredita que os índios são os “verdadeiros brasileiros”. Essa faceta do personagem nos leva ao seguinte questionamento: Será que a verdadeira cultura brasileira é mesmo indígena conforme defende o major?

Pautando-se nessas e outras questões, vários artistas brasileiros realizam em 1922 a Semana de Arte Moderna, estabelecendo o movimento modernista no Brasil. Conforme Diniz (2017) coloca, o modernismo procurava inaugurar uma arte genuinamente brasileira, e para isso acontecer, seria necessário uma dissociação da influência artística que a Europa mantinha no Brasil. Na Literatura, a principal característica europeia era a linguagem lusitana que ainda predominava nas obras. Por isso, uma das tentativas para realizar essa desvinculação foi justamente a de criar uma linguagem tipicamente brasileira, que destoasse do português de Portugal, nosso colonizador. Conforme as palavras do autor,

Os maiores expoentes desse movimento viam a necessidade de revolucionar o cenário cultural, em sua visão, adormecido. Tratava-se de um panorama político considerado monótono, repetitivo e muito submisso à cultura europeia. Por isso, lançaram novos fazeres artísticos cuja proposta principal era criar uma identidade nacional, como forma de romper o laço de subordinação brasileira aos europeus, sobretudo aos portugueses, por raízes históricas, a saber: a colonização lusitana. (DINIZ, 2017, p. 1)

Partindo desses preceitos, Mário de Andrade publica, em 1928, a importante obra *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. No romance, conhecemos Macunaíma, um herói que tem a personalidade corrupta e egoísta. Interessante destacar que essa obra foi muito importante para estabelecer o movimento modernista, pois, além de outros aspectos, ela possui uma linguagem extremamente informal, com dialetos e expressões indígenas e africanas, e é justamente essa linguagem miscigenada que contribuiu para ilustrar a forte miscigenação racial e cultural presente no Brasil. Mário de Andrade nos apresenta uma narrativa com várias referências à diversos tipos de folclores e mitos, evidenciando a mistura de povos distintos que



se estabeleceram nas terras tupiniquins. Diante do exposto, vale questionar: será que a miscigenação é o que define a essência da cultura brasileira?

Outra obra modernista muito importante de Mário de Andrade foi *Paulicéia Desvairada* (1922). Essa obra é constituída por poemas que retratam alguns aspectos da cidade de São Paulo ou as nuances da vida urbana. Interessante observar a diferença entre Paulicéia e Macunaíma, pois enquanto a primeira tem um cunho mais social, de denunciar alguns comportamentos sociais da grande cidade, a segunda mostra um Brasil diverso, muitas culturas e povos diferentes, com uma ambientação mais florestal do que urbana. Obras tão diferentes, do mesmo autor, retratam o mesmo Brasil, ou seriam “Brais” diferentes?

Como bem coloca Monteiro (2012), a segunda fase do modernismo é marcada justamente por essas críticas à realidade social brasileira. Assim como faz Mario de Andrade em *Paulicéia Desvairada*, Carlos Drummond de Andrade faz em seu famoso livro *A Rosa do Povo* (1945). Das obras de Drummond, essa é considerada a mais engajada em problemas de ordem social, pois nela acompanhamos poemas que retratam a hipocrisia e a corrupção do governo da época. Também há poemas que evidenciam de modo muito contundente a guerra que explodia na Europa e como o conflito se refletia no Brasil.

Há também um importante romance que está também está inserido nessa segunda metade do modernismo: *São Bernardo* (1934), de Graciliano Ramos. Assim como em *Rosa do Povo*, temos aqui várias críticas sociais, principalmente à busca de poder suscitada pelo capitalismo, algo que Drummond também denuncia. Na narrativa, acompanhamos Paulo Honório, homem pobre que tinha o sonho de ser dono da fazenda São Bernardo. Honório utiliza meios antiéticos e violento para conseguir a fazenda que tanto almejava, após isso comete atos criminosos para se manter no poder. O romance nos leva a pensar na obsessão que as pessoas têm pelo lucro, e até onde podem chegar para obtê-lo.

As obras modernistas citadas nos levam ao seguinte questionamento: elas são capazes de exprimir a arte ou a cultura essencialmente brasileira? É uma pergunta difícil de se responder, e como dissemos no princípio, esse não é nosso objetivo. No entanto, torna-se possível dizer que cada obra trata de um Brasil multifacetado culturalmente. A obra que mais elucida essa diversidade é *Macunaíma*, trazendo mitos de diferentes culturas para uma mesma narrativa, mas que ainda assim, não consegue unificar a alma de nossa cultura, apenas mostrar a diversidade de tal cultura. *Paulicéia Desvairada* retrata um Brasil que não é feito de indígenas, folclore ou natureza, há muitas selvas de pedras nas terras brasileiras, e pessoas querendo ser



felizes dentro dessas selvas. *A Rosa do Povo*, por sua vez, trata de uma nação repleta de problemas, um governo que não olha para o seu povo, embora esse povo ainda tenha uma pequena “rosa” de esperança. *São Bernardo* mostra um Brasil ausente de governo, gerenciado por coronéis de grandes fazendas que estabelecem suas leis e vivem de acordo com as próprias regras. Dito isso, talvez haja um elemento que se repete nas obras modernistas, e talvez essa seja a única característica cultural genuinamente brasileira representada na arte: a corrupção.

3 – O jeitinho brasileiro é nossa única característica nacional homogênea?

A corrupção no Brasil possui um termo bastante popular: o jeitinho brasileiro. Almeida (2007) coloca que o jeitinho brasileiro é bastante aceito socialmente, principalmente porque as pessoas já estão acostumadas a fazê-lo no dia-a-dia e, por isso mesmo, não se assustam quando grandes escândalos de governo acontecem. Dessa forma, Almeida assinala que

A opinião pública brasileira reconhece e aceita, em grande medida, que se recorra ao jeitinho como padrão moral. [...] Por isso, [...] os níveis de corrupção no Brasil provavelmente estão relacionados à aceitação social do jeitinho – que é grande e bastante enraizada entre nós (ALMEIDA, 2007, p. 71).

A aceitação do jeitinho como padrão moral acaba fazendo com que esse comportamento seja entendido como característico do brasileiro. Diante dessa constatação, torna-se importante considerar que a arte não é alienada à realidade, ela retrata esses comportamentos sociais, e como a corrupção (ou o jeitinho brasileiro) é muito forte em nossa cultura. São inúmeras obras que, de alguma forma, evidenciam essa característica do nosso povo

Desde os períodos pré-modernistas encontramos obras literárias que mostram a corrupção predominante na sociedade brasileira. Como exemplo, podemos voltar a mencionar a obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*. No romance, Policarpo entra no mundo político para tentar implementar seus projetos nacionalistas de dentro para fora, mas a realidade da administração pública tornou-se muito diferente do que o protagonista imaginava, uma vez que era repleta de hipocrisia e pessoas com falsos ideais que pensavam apenas em si mesmas.

Depois que o modernismo é inaugurado no Brasil, fica bem nítida a tentativa de se retratar o brasileiro e sua cultura. No entanto, vemos um brasileiro malandro, malevolente, que



usa do jeitinho para se beneficiar. A obra mais relevante do primeiro período modernista, e que evidencia com muita contundência esse brasileiro malandro é *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. O título da obra já nos remete a um protagonista ausente de qualquer caráter. Em outras palavras, ele não é dotado de princípios morais, e por isso mesmo faz qualquer coisa para se satisfazer. Todavia, deixaremos para falar um pouco mais sobre essa obra posteriormente.

Paulicéia Desvairada possui um forte cunho social e nesse sentido evidencia todos os problemas da época que, de alguma forma, ainda permanecem. Por exemplo, no poema “O rebanho”, somos levados a pensar nos deputados do congresso nacional, que se comportam como cabras, apenas obedecem ao “pastor” e seguem o rebanho sem nem questionar o caminho. Fica evidente, nesse poema, o aspecto corrupto da administração pública, que negligência a população e privilegia interesses egoístas. Assim como em “O Rebanho”, “Ode ao Burguês” também critica a corrupção, pois mostra uma falsa elite hipócrita da sociedade, que vive de aparências para continuar obtendo certas vantagens sociais. Esses poemas exemplificam as críticas suscitadas na obra de Mário de Andrade, que dentre outras coisas, aponta o dedo para a o aspecto corrupto, egoísta e hipócrita do brasileiro.

A crítica feita em *Paulicéia* é semelhante ao que Drummond faz em *A Rosa do Povo*. Já na segunda metade do modernismo, o poeta critica o opressor governo da época, fazendo relações com a guerra que se desenrolava na Europa. No famoso poema “A flor e a náusea”, temos um eu-lírico enojado com a política e o modelo econômico brasileiro. Além disso, há muitas reprovações a uma população acomodada, que apenas lê o jornal, mas não se indigna com tantos problemas. A acomodação é um tipo de corrupção, uma vez que dá ao indivíduo uma espécie de cumplicidade ou aceitação em relação aos problemas de ordem ética ou criminal. Logo, percebemos que a obra de Drummond evoca um brasileiro acomodado, egoísta, que se importa apenas com o que o atinge diretamente.

A corrupção também fica bastante evidente em outra obra do segundo período modernista: *São Bernardo*, de Graciliano Ramos. Paulo Honório comete diversos atos corruptos para conseguir o que quer, e mesmo depois que consegue, continua tratando os funcionários da fazenda da mesma forma brutal que era tratado. Isso nos leva a pensar que a corrupção é algo cíclico, se repete e se perpetua de geração em geração. Além disso, a obra também evidencia um governo que não está preocupado com a população, e sim, em privilegiar uma camada da sociedade (na obra, são os coronéis) para adquirirem regalias e continuarem no poder. Dito isso, a corrupção é retratada, em *São Bernardo*, como algo que não é apenas individual, mas social.



As pessoas se corrompem e corrompem as outras, sempre no intuito egoísta de obter privilégios em detrimento de outros.

Nesse sentido, Vieira (2008) coloca que a corrupção não é um fator exclusivamente cultural. Ou seja, o brasileiro não possui a índole corrupta inata, e nem é adquirida socialmente por um fator unicamente cultural. O governo e suas políticas interferem direta e indiretamente no comportamento ético da população. Em outras palavras, a corrupção não é apenas culpa do governo, mas o modo como ele administra a sociedade interfere nas relações sociais. De acordo com as palavras do autor,

[...] a corrupção é um fenômeno complexo, influenciado por diversas variáveis. A cultura é apenas uma fonte de influência, ao lado da instabilidade política, os regimes de Estado, as estruturas de mercado, o rigor das instituições legais e de controle, a baixa renda e escolaridade e a inércia da reputação de grupos. (VIEIRA, 2008, p. 62)

Nessa perspectiva, voltemos agora a falar sobre a obra *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Essa obra talvez contribua para se estabelecer o imaginário do brasileiro do jeitinho, da corrupção como algo inato ou intrínseco do brasileiro. Isso se evidencia logo no aposto do título: “o herói sem nenhum caráter”. Importante observar que *Macunaíma* é brasileiro, e é um herói, mas um herói sem nenhum caráter. Compreendemos, diante dessa colocação, que o nosso herói não possui um caráter elevado como os antigos heróis clássicos, nosso herói é corrupto, egoísta e desprovido de caráter. As primeiras palavras da obra reafirmam isso: “No fundo do mato-virgem nasceu *Macunaíma*, herói de nossa gente.” (ANDRADE, 2017, p. 2), ou seja, *Macunaíma* é o personagem que supostamente encarna a personalidade brasileira, ele é o herói que une as características culturais de nossa nação, destituído de caráter por natureza.

Macunaíma é o personagem que incorpora os comportamentos sociais que tipicamente são associados aos brasileiros. O famoso jeitinho é retratado com humor e um dialeto miscigenado, que evidencia um Brasil multifacetado e corrupto. O protagonista passa por diversas aventuras, mostrando a distinção cultural e linguística do nosso país, visto que há referências de diversos tipos de folclores e mitos. No entanto, as características corruptas, egoísticas de *Macunaíma* permanecem a cada passagem da obra. A personalidade do herói não se modifica nem mesmo quando o ele passa por metamorfoses corporais. Essa característica



nos leva a pensar que o herói brasileiro não poderia ser de outra forma, sua índole não pode ser modificada mesmo que o corpo se altere.

Em vista disso, na tentativa de se estabelecer uma literatura tipicamente brasileira, o movimento modernista mostra um Brasil heterogêneo em todos os sentidos, exceto pelo caráter corrupto dessa sociedade. É possível constatar a corrupção tratada de uma forma naturalizada em muitas obras modernistas, principalmente aquelas preocupadas em criticar certa ordem social.

Dito isso, fica o questionamento: Será que a corrupção, o egoísmo ou o jeitinho brasileiro são as únicas características que nos une enquanto brasileiros? Na literatura, é evidente que muitos autores retrataram esse aspecto do nosso povo, fazendo com que percebamos a corrupção como um padrão moral que se repete em épocas e lugares diferentes ao redor do Brasil. No entanto, torna-se muito precipitado afirmar que o jeitinho é o que nos identifica como conterrâneos.

Nas obras citadas ao longo dessas páginas, constatamos que o padrão moral corrupto é relativo, e levando em conta que a Literatura não é alienada à sociedade, a ideia de que o brasileiro é corrupto por natureza não se sustenta. Em *São Bernardo*, por exemplo, temos a Madalena, uma personagem que possui o caráter muito humanitário e altruísta, ela é praticamente o oposto de Paulo Honório e se preocupa com o bem-estar dos funcionários da fazenda. Em *Macunaíma*, Ci foi o único grande amor do herói e pensava em fazer o bem ao protagonista, esse sentimento é reforçado pelo fato de Ci ter dado o Muiraquitã à Macunaíma.

Dito isso, é possível constatar que muitos personagens da literatura brasileira são corruptos, ou possuem, em algum grau, o jeitinho brasileiro, mas esse comportamento não é homogêneo, ele não acontece das mesmas formas e nem em todos os personagens. Ao considerar os estudos de Vieira (2008), compreendemos que a corrupção não é apenas cultural, mas um fenômeno que acontece por diversos motivos. Em *A Rosa do Povo* e *Paulicéia Desvairada* podemos perceber algumas das causas que perpetuam as relações de corrupção na sociedade brasileira. Por exemplo, a forma como o governo legisla, distribui a renda e opera o modelo econômico.

Portanto, a corrupção é sim um problema grande que afeta a sociedade brasileira e está impregnada em todas as esferas. Mas ao observar a Literatura Modernista com suas respectivas formas de retratar essa sociedade, entendemos que a corrupção não é um padrão moral uniforme



e nem homogêneo da população. Não sabemos qual é a característica cultural que nos une enquanto brasileiros, mas definitivamente não é o jeitinho. Mesmo que o jeitinho se manifeste em muitas obras, não podemos dizer que há uma unidade, ou uma homogeneidade e, por isso mesmo, não é o que nos une enquanto brasileiros. Apesar disso, infelizmente pode ser essa a impressão suscitada ao nos depararmos com tal padrão se repetindo em diversas obras literárias do período modernista e além.

4 – Considerações finais:

O presente artigo buscou refletir sobre o que nos une enquanto brasileiros e sobre como essa união é retratada na literatura. É sabido que o modernismo, dentre outras coisas, tentou fundar um caráter próprio à literatura brasileira, ao passo que vários autores buscaram retratar a cultura, os costumes e a língua brasileira para alcançar essa tão almejada originalidade. No entanto, cada obra modernista traz um Brasil diferente, multifacetado, pois nossa cultura ainda não encontrou a tal homogeneidade cultural e artística.

É possível que a corrupção seja um dos únicos elementos que se repete em tantas obras literárias desse e de outros períodos. Observando a literatura, pode-se ter a impressão de que o jeitinho é a característica mais forte do brasileiro, tão forte que nos identificaria enquanto pertencentes à um mesmo povo/nação. Entretanto, ao logo da discussão, questionamos se a corrupção é um traço genuíno e cultural do brasileiro com base no movimento literário modernista.

Entendemos, teoricamente, que a corrupção não se dá por um fator exclusivamente cultural e nem é homogênea. Portanto, a literatura evidencia que não se pode considerar o jeitinho como um elemento cultural brasileiro, uma vez que não é característico de todos os indivíduos, e é fruto de vários outros fatores que interferem direta ou indiretamente nos comportamentos sociais. Por fim, pode-se concluir que, diferentemente da literatura francesa, russa ou inglesa, não há uma identidade homogênea para a literatura brasileira, contudo, talvez essa seja a nossa identidade: uma identidade múltipla, diversa, e miscigenada, sendo a própria falta de identidade o que nos identifica e diferencia.

Referências:



ALMEIDA, A. C. **A Cabeça do Brasileiro**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ANDRADE, C. D. **A Rosa do Povo**. Rio de Janeiro: Record, 1945.

ANDRADE, M. **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**. Arca literária acesso em: 29/11/2017, disponível em: <<http://bd.centro.iff.edu.br/bitstream/123456789/1031/1/Macuna%C3%ADma.pdf>>

_____. **Poesias Completas**. Belo Horizonte: Italiana, 1987

BARRETO, L. **O Triste Fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Editora Moderna, 1989.

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

DINIZ, L. A. **A busca da identidade artístico-cultural brasileira e os ideais modernistas de 1922**. Campina Grande: Revista Sinalge, 2017.

MONTEIRO, L. **Movimento modernista e a construção de uma identidade nacional sob a égide do Estado Novo**. Belo Horizonte: Bibliobelas, 2012.

RAMOS, G. **São Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

VIEIRA, F. M. **Cultura brasileira e corrupção**. In: Revista da CGU/PR. Brasília: Controladoria Geral da União, 2008.